

BESOURO

FOLHA ILLUSTRADA
HUMORISTICA E SATYRICA
Publicação Hebdomadaria no Rio de Janeiro.

Escriptorio da Redacção—130, Rua do Ouvidor 130, 1.º andar.

Numero avulso 500 rs.



Tiragem 5000 exemplares !!!!!

No Escriptorio do " BESOURO " !! Recebem-se annuncios para esta capa.

Annuncios e publicações a preços convencionaes.

AUX DAMES ÉLÉGANTES

Especialidade de Vestidos

PARA SENHORAS, MENINAS E MENINOS.

LINGERIE E OBJECTOS DE FANTASIA

N. 1, RUA DO THEATRO N. 1.

RIO DE JANEIRO.



Ao Rei dos Magicos

116

RUA DO OUVIDOR

TELEPHONIA NACIONAL

APERFEIÇADA

ELECTRICIDADE

APPARELHOS

ELECTRO-MEDICINAES

PARA

HOSPITAES, MEDICOS E

PARTICULARES

DOS MAIS MODERNOS SYSTEMAS

Campainhas Electricas

IMPERIAL FABRICA DE LUVAS DE PELLICA.

SERTORI & PINHO

Fazem toda a qualidade de Luvras de pellica e pelle da Suecia.

Recebem encomendas por atacado e miudo.

149, RUA DO OUVIDOR.

GRANDE DEPOSITO
DA
FABRICA DE CERAMICA
DAS

DEVEZAS NO PORTO

65, Rua Sete de Setembro 65

ESTE GRANDE Deposito continúa a expôr os variados productos d'esta acreditada Fabrica, como sejam: Estatuas de todos os tamanhos e assumptos, Vasos, Repuxos e outros ornamentos proprios para Jardins e Casas de Campo; e brevemente receberá grande sortimento de CANOS de grés, Azulejos, Ladrilhos e Mosaicos, cuja qualidade poderá ser devidamente apreciada pelo respeitavel Publico, como superior ao de outras procedencias.

RECEBEM-SE ENCOMENDAS
das Provincias, cujas serão de prompto satisfeitas.

A Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

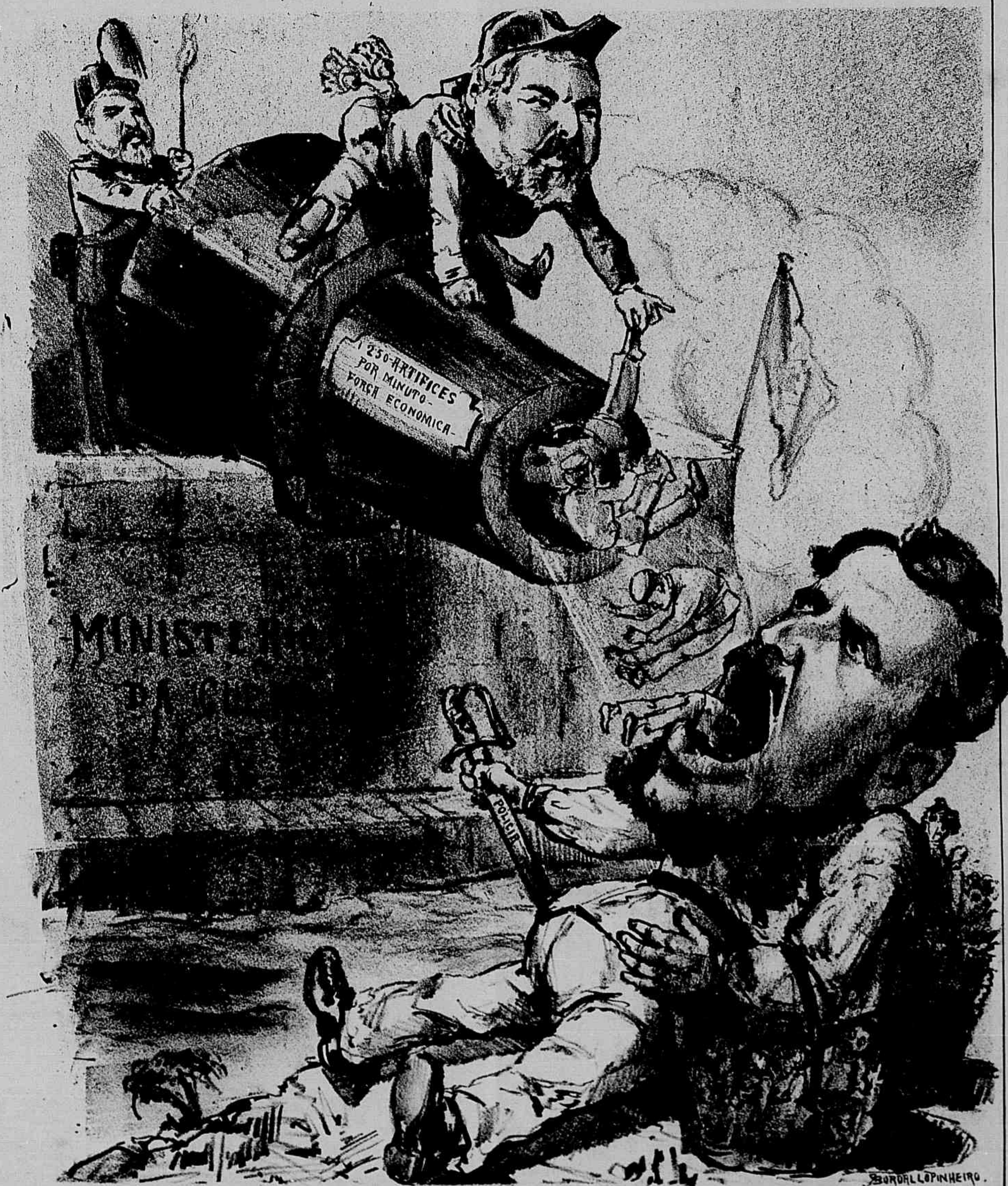
CONFIANÇA

CAPITAL NOMINAL

4,000:000\$000

ESCRITORIO Á RUA 1.º DE MARÇO N. 66.

A POLITICA. — Um tiro economico.



Artifices que cahem como Vagabundos nas guelas do Ogre, o Titú dos mininos. Que boa digestão!!!
Uns não gostam de mininos, outros é o seu fraco. Olhem que caso!
O vagabundo será a substituição da escravatura que acaba?
Economias de dinheiro que redundam em prejuizos de moral.

A. S. M. Imperador.



om todo o acatamento constitucional e dedicação monarchica, o *Besouro* encolhe as suas *debeis* azas diante do throno de vossa magestade, para apresentar-vos um vôo de subdito leal e um zumbido de amigo fiel.

O *Besouro* tem-se na conta de um insecto ordeiro, cordato, discreto. Ama a vossa magestade como ao heliotropo, o louro gyra-sol a que o povo liga supersticiosamente a virtude de preservar das febres e das malignas.

Esse amor obriga-o a umas sollicitudes superiores á dos vossos veadores, camaristas, ministros, particulares e creados de galão branco, e o *Besouro* não pôde deixar de dizer-vos a verdade, a santa verdade, tímida diante dos reis.

E' o caso que vossa magestade na Quinta-feira maior deliberou passeiar, cercado de archeiros e altas dignidades do palacio, fazendo desta sorte concorrência á immobili-dade do Christo morto.

O povo, que devia ir á igreja adorar reverentemente o seu Deus—o martyr da sua emancipação moral—atrahido pelas roupas de vossa magestade e do vosso sequito, sahiu para a rua a fazer-vos acompanhamento.

O passeio de vossa magestade, portanto, longe de ser realmente um estímulo á devoção é pelo contrario uma causa de quebra do recolhimento religioso, que o povo devia ao dia alludido.

Quando vossa magestade entrava em alguma igreja, os feis que ahi estavam, desviavam immediatamente o olhar dos altares para fixal-o gulosamente na vossa farda, na vossa figura, na vossa alta posição.

Assim pois, vossa magestade, querendo fazer um bem á religião do estado, não consegue senão fazer-lhe mal.

De duas, uma. Ou vossa magestade passeia em Quinta-feira maior por sentimento religioso, ou vossa magestade passeia para exhibir-se, fazendo concorrência ás decorações e illuminações esplendidas dos templos.

No segundo caso, vossa magestade faz mal abatendo assim o throno até os damascos reles e as velas de cera falsificadas.

No primeiro caso, vossa magestade faz ainda mal, porque, patenteando-se summamente religioso, impede pelo exemplo o acceleramento da evolução scientifica, instantemente reclamada, e que deve substituir a concepção moral das theologias pelas certas e civilisadoras leis da moral sociologica.

Esta conclusão é mais difficil de ser acceita. Vossa magestade quando viajava-se pelo universo, adquirindo todas as virtudes do rapé Paulo Cordeiro e de um rei instruido, declarou-se darwinista.

A declaração espontanea de vossa magestade obriga a um certo numero de principios positivamente antinomicos ao incenso das sachristias e á agua benta das pias.

E' preciso que vossa magestade seja uma personalidade irreductivel, visto aqui ou na China, em Itú ou em New-York. Isto de ser catholico na igreja de S. Francisco e darwinista no palacio da Exposição de Philadelphia — é uma pulha maior do que a Constituição que nos rege.

O espirito de vossa magestade eguala-se desta sorte ao corpo de um *mussum*; em a gente pegando nelle escorrega e vai-se.

Duas cousas são impossiveis de harmonisar-se neste mundo: — a ostia e a *monera*; é força tomar partido por uma ou por outra.

Um catholico, baixo de estatura e robusto de fé, gritou um dia nas paginas de um livro, que pouca gente leu, mas que tinha espirito: ou bem papistas, ou bem communistas.

Cabe-me paradiar o dito, o *mot d'ordre* dos zuavos do Syllabus, dos *hussards* da agua de Lourdes, e exclam-

mar com um zumbido reverente: Senhor—por Darwin ou pelo bispo Lacerda; ou a *Origem das Especies* ou as *Horas Mariannas*.

E' preciso decidir-se.

Em todo caso saiba vossa magestade que com o passeio religioso não consegue arraigar a fé, mas incommo-dar sua magestade a Imperatriz. O passeio de vossa magestade com o apparatuso sequito, alumiado por tochas e archotes, consegue simplesmente—substituir a procissão de fogareus.

ZUMBIDOS.



ra até que afinal realisou-se a entrega da celebre mitra e do famoso album, offerecidos ao Sr. D. Pedro de Lacerda por toda a população catholica do imperio... não, da provincia... ainda não é isso: do municipio neutro e ilhas adjacentes — a dos Ratos inclusive. E dizem que foi uma festança!..

* * *

Mas como não ha festas sem tristuras, aconteceu que no dia da entrega houve uma verdadeira entrega da parte dos Srs. membros componentes da commissão, que brilharam por sua ausencia, á

excepção do Sr. Dr. Souza Reis, que por isso mesmo ficou sendo o rei da festa.

Pudéra! Na terra dos cegos...

* * *

Este facto, á primeira vista naturalissimo, parece que o não é inteiramente. Pois é crível que a mesma cólica — elle de certo foi cólica — que affligiu o philosopho Sr. Ferreira Vianna, o orador da commissão, se manifestasse logo e simultaneamente nos outros membros — da dita commissão, está bem visto — os Srs. Conselheiros Araujo Lima, Autran e Figueira de Mello, o Vira-Cópo?

Eis aqui o caso em que só nos pode valer o archimassante estribilho da *Gazeta*: O que dirá o *Apostolo*?

* * *

Se não foi cólica a molestia da commissão, n'esse caso é forçoso que reconheçamos, nós e mais o Sr. bispo, que o fervor religioso e crenças ultramontanas d'aquelles cavalheiros estão se tornando um tanto problematicos... E o Sr. bispo deve por isso tratar de chamal-os, como bom pastor que é, ao caminho da verdade, antes que d'ahi se afastem inteiramente.

Elles sempre lhe são uteis, pois como diz o proverbio, nada ha de inutil sobre a terra — nem mesmo as nossas duas importantes instituições intitulas: Observatorio Dramatico e Conservatorio Astronomico.

* * *

Inuteis, isso não são.

O que vale o Conservatorio... isso é materia velha, e não convém agora mecher com os *Lazaristas*, que venceram, como sempre.

Quanto ao Observatorio, esse ainda n'estes ultimos dias tem demonstrado sufficientemente a sua utilidade, dando-nos a consoladora e grata noticia que chovera e muito — na vespera, vindo a gente a concluir d'ahi e muito naturalmente — que foi por isso que se molharam n'esse dia, o guarda-chuva e as galochas de que se sahira munido... E' um poço de sciencia, o Observatorio!

* * *

Em verdade ainda não está muito habilitada aquella repartição, e por isso ainda não são completas as observações que ella diariamente envia aos jornaes: é por essa razão que, n'aquelles dias ella não se explicou sufficientemente a respeito do que choveu sobre esta cidade... Apenas

o modesto e recatado Observatorio anima-se a manifestar a timida suspeita aos que o interrogam a respeito, que o que choveu — foi agua.

Profunda e sapientissima repartição! E' pena que as tuas interessantes e indispensaveis observações meteorologicas só aproveitem a nós os habitantes d'este grande municipio, heroico, leal — e neutro!

*
**

E' a ella que devemos a satisfação de nos certificarmos, vinte e quatro horas depois, se o que na vespera nos molhou o fato foi o suor — ou a chuva. E se passamos por uma rua, e repentinamente nos sentimos inundados por uma materia liquida — o que succede por ali muito frequentemente — é só ter-se um pouco de paciencia e outra roupa enxuta, para esperar-se até o dia seguinte: procura-se a *Gazeta*, vai-se direitinho ás importantes observações meteorologicas, e fica-se logo sabendo se o que nos ensopou a camisa foi agua de chuva — ou alguma secreção corporea, ammoniacal.

*
**

Já se vê que dispõe de um numero consideravel de prestimos aquella instituição, que apenas custa ao Estado umas dez duzias de contos de réis annualmente: é o que se chama um ovo por um real.

D'ahi vem a importância que têm para o publico as observações meteorologicas, imprescindiveis e indispensaveis em todos os jornaes, como no *Cruzeiro*, imprescindiveis e indispensaveis são os artigos de fundo diariamente.

E' que o Observatorio Astronomico alem de tudo é Imperial — o que ainda mais prova a sua utilidade realmente grande: talvez tão grande como a circulação do *Apostolo*.

Ora se é...!

D. DA FONSECA.



Ao L. da « Gazeta. »

AS BOTAS DE ELEAZAR.

LENDA.

Foi depois de um bom jantar
que Eleazar,
empanturrado,
foi sentar-se á beira-mar.

E o mar rugindo, irado,
atirava á praia um par
de botas
— tão rotas!

E Eleazar,
empanturrado
e inspirado,
pregava no craneo ardente,
— á beira-mar,
uma sola e um pino quente,
para as botas a penar.

Aquellas botas
— tão rotas!
battidas de vento e mar!

E Eleazar,
empanturrado
e inspirado
dos camarões do jantar,
chylo fresco e stylo ardente,
bota historia e caldo quente
n'um *Par de Botas* — sem par.

JEREMIAS.

Qual é o maior defeito do « Primo Basilio ? »

Eis aqui uma questão difficil de responder!

Para uns, tem este romance de Eça de Queiroz todas as bellezas.

Para outros, todos os defeitos.

Uns censuram-o, pela immoralidade.

E outros fallam d'elle sem elogiar nem deprimir, que é o costume dos que querem passar por criticos, sem se aguentarem com os contras do officio.

*

Em todo o caso o que se pôde desde já dizer do *Primo Basilio* é que perante os collegas romancistas tem esta obra o maior dos defeitos que um romance pôde ter aos seus olhos—o de esgotar-se a edição em pouco tempo!

*

Os romancistas, que não descem ás insignificancias do estudo da natureza, que entendem que ter talento é fazer vóar a imaginação pelas regiões ethereas do impossivel, que dedicam todo o seu estudo, todos os seus cuidados, toda a sua vida a *traduzir* personagens dos paizes estrangeiros para os fazer passear pelas ruas do Rio de Janeiro, disfarçados em brasileiros, — não virão em Eça de Queiroz essa qualidade, que é a melhor garantia da evolução artistica e litteraria do seculo — a tendencia para a verdade.

Só o que viram, é o que não tinham visto com os seus romances.

Ao passo que o *Primo Basilio* se alastrara por todo o Brasil, os romances feitos segundo as regras da arte, os romances disciplinados, os romances academicos dormiam o somno solto do esquecimento, nas empoeiradas prateleiras dos martyres da litteratura correcta e official.

*

Ora isto não é toleravel!

Pintar um typo de primo Basilio grosseiramente e toscamente.

Carregar exageradamente os traços da criada Juliana.

Fazer um romance incongruente e com duas acções.

Desenhar essas figuras tão incorrectas e vender exemplares de tão aleijada obra aos milhares!

Isto não se tolera!

*

E comtudo esta acceitação que tem tido o *Primo Basilio* é perfeitamente justificada.

Escrever romances como Octave Feuillet é seguir nas pegadas seguras de um bom auctor; mas o que pôde ser um bom escriptor d'esta ordem? Um Feuillet 2.º — ou ainda mais — uma etiqueta falsa d'este auctor!

Quem imitar Camões, será Camões 2.º, e quem usar de identico processo para com os outros auctores ficará sendo: Alphonse Karr 2.º, Alexandre Dumas 3.º, etc etc.

*

Ora o Snr. Eça de Queiroz, é tosco, é incorrecto, é grosseiro, é obsceno; mas o que ninguem lhe pôde negar é que elle seja Eça de Queiroz 1.º

Ora o nosso publico cansado de applaudir — Talentos 2.ºs —, pleiade infinita que infesta ha tanto tempo as litteraturas brasileira e portugueza, achou um romance com um cunho de individualidade, agarrou-se a elle com unhas e dentes, devorou-o, com o apetite unico com que se almoça na relva; — embora comer de cócoras no chão seja muito mais incommodo do que sentado n'uma cadeira, perto de uma boa mesa elastica.

A individualidade no quadro, na partitura e no livro é tudo.

Por ella está Rembrandt ao lado de Julio Romano, Gounod ao lado de Donizetti e Guerra Junqueiro ao lado do Visconde de Castilho.

Com a differença que um traço de Rembrandt, um acorde de Gounod, e um verso de Guerra Junqueiro fizeram tanto ruido, com menos fadiga, como um quadro de Julio Romano, uma opera de Donizetti ou um poema do Visconde de Castilho!



THEATRALOGIA POLITICA. — FAUSTO. — Acto 3.º, Scena 6.ª

ARIA DAS JOIAS — OU ARIA DAS EMISSÕES.

Enfeita-se com o collar, com os braceletes etc. Vou pôr estas joias que tem tão lindos rubis, e o esplendido rosicler, tão rico e tão gentil.



BICHOLOGIA POLITICA. — Uma teia sobre capim.

Ao primeiro raio de sol depois das chuvas, elle, o caracol, colloca-se á altura de um principio.....economico
 Qual de todas as economias será a primeira a emmaranhar-se na enredada teia?
 Serão todos os insectos? — É esse o segredo da aranha.

*

Mais vale um verso novo, embora mal alinhavado, do que um cento de velharias poeticas alinhavadas como pelotão de tropa de linha.

O *Primo Basilio*, tem defeitos e grandes; possui todos os predicados exagerados dos que vêm apostolar uma ideia nova.

Como na politica, na litteratura e na arte, é necessario plantar as sãs doutrinas, com exageração e excessos revolucionarios.

O Snr. Eça de Queiroz poderá escrever mais romances n'este genero; mas fique certo que na opinião dos seus collegas só terá escripto uma obra monumental, quando ella ficar, como um monumento, encarpitada nas alturas da 5.^a prateleira de um Belchior.

DR. CALLADO.

Uma pergunta innocente

(Estylo de mofina)

O *Cruzeiro*, a folha diaria que rivalisa igualmente com o *Jornal do Commercio* na quantidade e na qualidade dos artigos de fundo, publicou em um d'estes, ha poucos dias, um conselho particularmente dirigido aos rapazes cá da terra, aos *gajos* que se atiram ao estudo das litteraturas e de outras cousas inuteis. (E' claro que o *Cruzeiro* não pensa que a nossa rapaziada dá-se á util distração de estudar os artigos de fundo d'elle *Cruzeiro*).

E' o conselho: «que os moços devem abandonar os estudos propriamente litterarios, e entregar-se exclusivamente ás sciencias positivas, ás questões economicas, ás relações juridicas; mais ainda, e principalmente, não devem occupar-se da preferencia de fórmulas de governo, e de fazerem sacrificios pela fórmula liberrima, que julgam a melhor.

«Demais—é ainda o *Cruzeiro* quem falla—por ser liberrimo um governo, em nada se pode adiantar o progresso de um povo»—tanto que o velho Fichte despediu um dia os seus alumnos, porque a patria estava em perigo. E et cetera e mais algumas cousas.

* *

A mocidade deitou-se a pensar sobre o caso, e viu que o *Cruzeiro* não é mais do que um cruzador da litteratura, a qual na sua suspeita opinião não vale nada—nem mesmo um cruzado novo; e por isso a mocidade julga-se no direito de não acceitar o conselho, visto que nos seus fundamentos elle carece inteiramente de razão.

Parece mais á mocidade, que n'aquelle dia o que precisamente faltou ao *Cruzeiro* não foi razão—foi assumpto. Outro motivo para suspeitar-se da competencia do conselho.

* *

Mas em todo o caso, a mocidade não é mal-agradecida: ella reconhece os bons desejos do *Cruzeiro*—e os apertos em que a gente se vê ás vezes por falta de assumpto para os artigos de fundo.

Por isso, e para demonstrar o seu profundo respeito pelo *Cruzeiro*, que falla como um pimpão n'estas cousas de litteraturas, sciencias economicas e governos livres que nada interessam ao progresso dos povos; por isso, a mocidade anima-se a fazer ao *Cruzeiro* a seguinte pergunta, indiscreta é verdade, mas de cuja solução dependem as sciencias positivas, as questões economicas, as distincções litterarias, as relações juridicas, e as fórmulas liberrimas de governo. Diga-nos o *Cruzeiro*—e depressa:

—Onde está o gato?



D. DA FONSECA.

Meditação de um pinto.

Elle piou entre a sua gosma.

A verdade é esta: eu estou no mundo politico por favor de um *capão*. Criei-me sob as suas azas, desenvolvi-me graças ao seu calor propicio.

De repente vi-me com um sacco de milho do orçamento á disposição da minha moella. O que fazer?

Ser farto ou ser economico: *t'is nobler in the mind?*

Ha um pensamento grandioso na vida: mãe Maria vai com as outras. Ora eu sou simplesmente um pinto.

Quando puzeram-me na pyramide do poder, querendo-se á força que fizesse tanto effeito como o gallo no vertice da torre de S. Francisco, disseram-me este discurso que me fez medo:

* *

—Pinto, disseram-me; este paiz ou melhor este terreiro em que tu tambem mariscas, está n'uma penuria. Elle precisa muito de ajuntar algum cobre, pol-o n'uma cader-neta, levantar-se emlím á altura da abastança:

Elle está como um perú friorento; com a crista cahida.

Ha doenças inesperadas, necessidades imprevistas.

Uma dellas é — a *liberalite*.

Tu não sabes o que é a *liberalite*, mas é bom que saibas:

E' uma molestia que fez com que o proprio *capão*, que te criou, precisasse de uma ajuda.... de custas excellentes, quando teve de ir celebrar um tratado de alliança lá para o Rio da Prata.

Mas tu nem calculas como a terrivel molestia apparece. E' com uns symptomas especiaes, um d'elles com o nome: — economia.

Ha duas cousas impossiveis de serem resistidas: uma é a colica, outra é um ministerio economico. Pinto, sê forte.

Converte a tua gosma em systema de poupança; decreta a avareza politica e afama-te por ella.

Qual será o outro meio pelo qual tornes-te saliente? Considera.

Um Pinto é sempre um pinto. O que fez o que da vez passada esteve no imperio? economias. Logo a economia é a lei dos pintos.

Puzeram-te na marinha; quizeram-te pinto molhado. Sê forte, sê energico, tens por ti uma grande desculpa: o cerebro dos pintos não tem grande fortaleza.

* *

O pobre do gallinaceo pegou então de si e poz-se a meditar. Começa pela economia, sejam economicos.

Ao cabo de questões eu sou o que meu *capão* quer que eu seja e elle fallou-me de economia.

Consiste esta em um pinto reflectido conservar o que tem para si, e tirar dos outros o mais possivel, chamar-se-ha a isto salvar o paiz — figura parlamentar porque se diz — o terreiro.

Sejamos logicos como um gallinaceo novo. Dirão talvez de mim: quem nunca comeu milho, quando come se engasga. Anda assim.

Se eu me fizer notavel, tenho conseguido um fim. Cosinhem-me embora no caldeirão da anarchia.

Mandaram-me para a marinha assim como podiam ter-me feito inspector de quarteirão.

Um inspector prende a torto e a direito, um pinto ministro deve demittir pelo mesmo systema.

Vou demittir todos.

No fim de cada demissão, direi: — são mais tantos grãos de milho para o sacco do orçamento.

Ninguém vir-me-ha tomar contas.

O primeiro passo, alta revelação do tino do nosso chefe, foi inaugurar a situação mettendo o Gaspar.... no ministerio.

Ora todos sabem que o Gaspar é bichinho para deixar os jardins publicos sem gramma. E' um damnado.

Assoprou o parlamento, o *sucaio* dos nossos antecessores, assim como quem assopra a cinza do cigarro que nos cahiu sobre o papel em que escreviamos.

Não temos, pois, quem nos tome contas.

Os que vierem para o nosso parlamento serão de boa

paz; tudo pelo toque do Fernando Osorio. Com um frasco de perfumaria e umas *soirées* temol-os na mão, segurosinhos da *silva*.

* *

Vou portanto, demittir, desde os velhos até as creanças. Os velhos serão convertidos em miseráveis — para a fraqueza eleitoral de que precisamos; as creanças serão outros tantos embryões de réos de policia.

É o que nos serve.

Grite quem tiver pulmões.

Nós temos e teremos o bom senso de cortar em tudo, menos no exercito e marinha.

Com soldados ás ordens tudo se arranja.

Oh! eu preciso de espanejar-me, de piar alto. Se a Providencia não me der forças para ser gallo, ao menos morrerei pinto famoso.

BOB, O MALUCO.

Correio dos Theatros

Bem diziamos nós ser impossivel que a actriz Lucinda Simões se resignasse a ir para casa, como qualquer *Pot-au-feu*, abandonando cá fóra as ovações da turba.

* *

Foi no sabbado de Alleluia, dia de duplo jubilo para esta população catholico-dramatica. De manhã festa na Igreja, á noite festa no Cassino, n'aquelle não menos veneravel templo da arte.

* *

Seriam 9 horas da noite, quando Lucinda appareceu em scena, para conversar com Furtado Coelho. Apenas o publico a percebeu, sentiu-se na sala o fremito de um grande prazer, de uma sensação, senão nova, pelo menos não experimentada havia muito tempo.

* *

Representava-se o *Demi-Monde*.

Lucinda e Furtado Coelho continuáram a cavaquear com espirito durante os magnificos cinco actos da peça, cavaco, que apenas era interrompido, e algumas vezes inconvenientemente, pelos Srs. Torres, Araujo, Galvão e a Snr.^a d'Alberny.

* *

E o publico continuava contente, quasi pulava nas cadeiras e o teria feito, se não fosse o receio de interromper o dialogo.

— Está cada vez melhor artista!

— E' verdade! Até faz incrível que se represente d'esta maneira na lingua de Lino de Assumpção!

— O que eu a acho é mais desfeita!

— Pudera! As febres!

E não se ouviam d'outros dialogos, que ficavam suspensos, quando entrava a Snr.^a d'Alberny exhibindo esplendidas *toilettes*.

* *

Assim correu a peça até ao final, em que a Snr.^a Maria Adelaide, empunhando um magnifico *bouquet*, veio á arena dos seus triumphos e cheia de commoção, e cercada pelas suas companheiras, passou o referido *bouquet* ás mãos da festejada, acompanhando tão florida offerta com um beijo, que abriu exemplo a muitos outros que se seguiram.

Um malicioso disse que eram beijos de sabbado de Alleluia.

O publico então quasi delirou, ou não, delirou completamente. Bateu com as mãos, acenou com os chapéos, e teve de abrir os guarda-chuvas, porque a natureza querendo associar-se a tão justa festa, havia resolvido manifestar o seu jubilo, por algumas lagrimas grossas.

E assim se passou a festa da volta da actriz Lucinda.

Que seja por muitos annos e bons, em companhia de quem mais estima.

* *

Uma boa pilheria ouvida indiscretamente na noite da festa, á actriz Adelaide Pereira.

Dizia ella a um visinho de plateia, que estava, como todos, muito regosijado pela volta da actriz Lucinda:

— E' verdade! Eu tambem estou muito contente.

Nós, lá dentro (no palco) andavamos já muito atrapalhadas. Com a ausencia da Lucinda, *eramos* obrigadas a fazer todos os seus papeis e estavamos todas *descollocadas!*

Descollocadas!

Hom'essa!

* *

Outra novidade do Cassino é a proxima representação dos *Lazaristas*, d'aquelle celebre peça que tantas cutiladas accarretou para o lombo de alguns livres-pensadores, que queriam fazer a Revolução!

Por enquanto ainda não podemos apreciar bem esta *retirada* do Conservatorio.

Esperamos os luminosos pareceres d'este anno contradizendo os não menos luminosos de ha tres annos.

* *

Ainda assim os *Lazaristas* já offereceram ensejo para uma brilhatura do *primeiro actor comico nacional*. Dirigiu-se ao *Apostolo* e perguntou-lhe se os padres *Lazaristas* sabiam grammatica... porque emfim não queria errar o seu papel.

* *

No Pedro 2.^o estreou uma companhia de artistas da Guarda Velha.

Lá temos o Barboza, o Martinho, o Pedro Joaquim e a Adelaide Amaral.

* *

Bom drama foi o da escolha.

A nós accoeteceu-nos exactamente o que disse o programma:

Prologo — Sensação!

Primeiro acto — Sensação!

Segundo acto — Sensação!

Terceiro e quarto — Sensação!

Quinto acto:

Dilatação de todas as sensações dos actos precedentes e principalmente do acto da sahida!

Que sensação!!!

Aos entusiastas do « Primo Bazilio »

Damnados! incensae do vicio — a bella obra!
E se um dia a mulher — ou mesmo vccsas filhas
sentirem o veneno e os olhos d'essa cobra,
— empurrae-as a rir — ás torpes camarilhas,
— á tasca — ao vinho — ao fumo — aos ébrios como vós,
— Entusiastas vis da eschola do cynismo!

Na vesga inspiração dos Eças de Queiroz,
prostituir o lar, tambem — é *realismo*.

UM BOM GUARDA NACIONAL.

Aos maldizentes do « Primo Bazilio »

Beijamos do escriptor a nobre, a bella obra,
nós que temos o amor do lar, ás nossas filhas,
mandomol-as cuspir no virus dessa cobra
de que vós vos servis, *jongleurs* de camarilhas;
e, como ensinamento a uns primos como vós,
fazemol-as calcar Bazilios de cynismo.

Na santa inspiração de um Eça de Queiroz,
o vicio profligar — é o grande *realismo*.

UM BOM PAI DE FAMILIA.

LITTERALOGIA

CASAMENTO DO COMMENDADOR MOTTA COQUEIRO E DI YÁ-YÁ GARCIA.



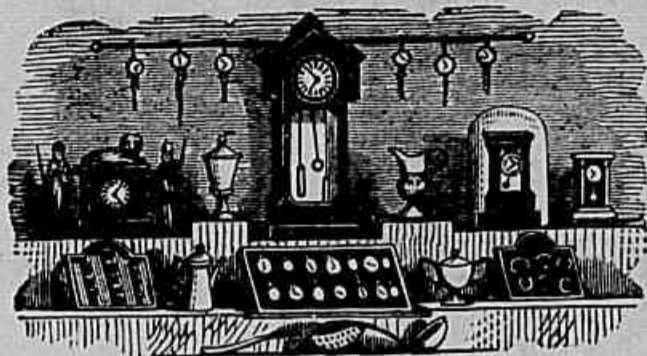
No momento em que Yá-Yá Garcia e o Sr. Motta Coqueiro recebem a voz, dada pelo bojudo media-neiro dos idealismos, cahe, como um raio junto aos conjuges o *Primo Basilio* que, tendo esgotado em sensações novas toda a borracha do Paraguay, volta a explorar a borracha do Pará esperando igual exito. Ao ver, porém, Yá-Yá Garcia casando por conveniencia com Motta Coqueiro, homem que apenas se prende ás sensações do seu negocio, embeve-se no tranquillo olhar côr de rosa onde se refletem os azulados raios da argentea lua; e suspenso em extasis das aureas e vastas madeixas côr de cenoura da poetica Yá-Yá, atira para trás das costas a borracha do Pará e diz:

Estava transviado! Estou confundido. — Esta Yá-Yá é quem me vai dar sensações novas! Olaré!

AO REGULADOR FLUMINENSE

100 RUA DA QUITANDA

ESQUINA DA DE S. PEDRO



RUA DA QUITANDA 100

ESQUINA DA DE S. PEDRO

J. LACROIX & A. LECOUFFLÉ

DEPOSITO DOS INCOMPARAVEIS RELOGIOS

PATEK PHILIPPE DE GENEVE

JOHN POOLE DE LONDRES

AMERICAN WATCH CO VALTHAN, MASS.

Grande officina para concertos de relógios no 1.º andar.

Almoço 2\$000



Jantar 3\$000

Ruas do Aqueduto
N. 48
e dos Junquinhos N. 4.

GRANDE HOTEL SANTA
THEREZA só recebe fami-
lias e cavalheiros dignos
de boa sociedade e con-
valescentes.
Tem salas e quartos mo-
billados e excellentes ba-
nhellos. Meza esplendida
e variada.

LIQUIDAÇÃO DE PAPEIS PINTADOS

Onde é que se vendem mais baratos?

NA CASA LARANJA

N. 71 RUA DO OUVIDOR N. 71

POR ESTAR EM LIQUIDAÇÃO.

GARANTIA E PROTECÇÃO

MUTUA

COMPANHIA DE SEGUROS

CONTRA

FOGO e SOBRE VIDA

CAPITAL DE GARANTIA

Até 31 de Março de 1878 em 3,585 contractos

35,694:640\$000

ESCRITORIO DA COMPANHIA

77

RUA DO OUVIDOR

1.º ANDAR

RIO DE JANEIRO



VENDE-SE por seu dono ter de retirar-se uma caleça franceza d'amarração de armar e desarmar o que ha de mais moderno, elegante, rico e com muito pouco uso; para vêr e tratar na Rua do Hospicio N. 137.



FENO NACIONAL

DE

10 FARDOS PARA CIMA

A 60 RS. O KILO

134, Rua Larga de S. Joaquim.

Das 8 da manhã ás 4 da tarde.

COSMOPOLITAN CAFÉ

RUA DA ALFANDEGA N. 3.

Está aberto este elegante estabelecimento, o primeiro no seu genero. Almoços, lunchs, jantares e um milhão de bebidas, tudo por preços commodos.

E' ir ver, comer, beber e pagar.

A RUA DO OUVIDOR 118,

Ao CAFÉ DO CRUZEIRO,
Não só se encontra chá, café, biscoutos,
Refrescos bons, cognac verdadeiro,

Mas igualmente

Bello almoço e jantar — tudo excellente,
Com vinhos dos mais finos! Um prodigio
De baratesa e gosto e tudo isto

Por 70 mil réis!

Pensai bem n'outro ponto um bocadinho;

E lucrareis:

Por cincoenta mil réis tambem se *gruda*

Pensão sem vinho.

AO BACCARAT

77, Rua do Ouvidor 77

CRISTAES, PORCELLANAS
LOUÇAS E METAES

O sortimento variado e completo e os preços modicos,
são as vantagens incontestaveis que
os senhores compradores encontrão n'esta CASA

FAZEMOS AQUI MENÇÃO ESPECIAL DO **Chá** QUE
RETALHAMOS A NOSSA FREGUEZIA



À LA VILLE DE PARIS

A PRIMEIRA CASA

DE

ROUPAS FINAS PARA HOMENS E MENINOS

Nestá casa encontrará sempre o respeitavel publico o mais completo sortimento de roupas finas para homens e meninos de todas as idades, por moderadissimos preços, por tudo importar directamente das melhores fabricas de Pariz.

POR MEDIDA

em curto espaço de tempo faz-se, o que se não encontra feito, a gosto, para o que ha nesta casa

O MAIS COMPLETO SORTIMENTO

de pannos, casimiras, diagonaes, estofos leves de variados tecidos, modernos, proprios da estação actual e bem assim habilissimo mestre alfaiate.

41 RUA DO OUVIDOR 41.